

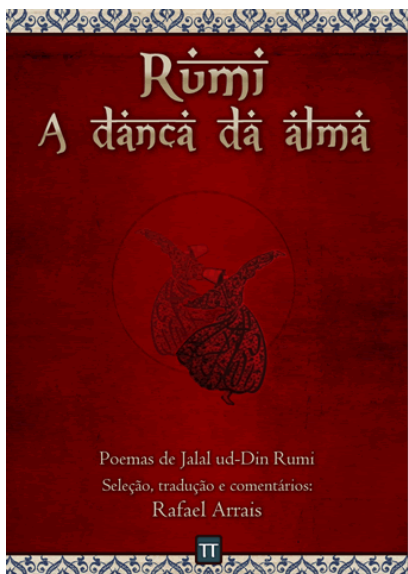
Rûmî

A dança da alma



Amostra
Grátis

Poemas de Jalal ud-Din Rumi
Seleção, tradução e comentários:
Rafael Arrais



Vem, lhe direi em segredo
aonde leva esta dança...

Cada átomo,
feliz ou miserável,
gira apaixonado
em torno do sol

à venda: [amazon.com.br](https://www.amazon.com.br)



Amostra grátis

Este é apenas um breve ensaio para *a dança da alma*. Se lhe interessar conhecer a dança completa, ela já está disponível na versão impressa:

clubedeautores.com.br/book/152061-Rumi_A_danca_da_alma

e também em eBook, somente pela Amazon:

amazon.com.br/Rumi-A-danca-alma-ebook/dp/BooFM46HUG/

Rumi – A dança da alma

Amostra grátis

Sumário

Introdução: O dançarino em transe	pág. 5
Cap. 1: Diga eu sou você	pág. 13
Cap. 2: Eles sempre estiveram um dentro do outro	N/A
Cap. 3: Nós bebemos o mesmo líquido da vida	N/A
Cap. 4: No amor fomos gerados	N/A
Cap. 5: Um grande enlace mútuo está ocorrendo	N/A
Cap. 6: O mundo é este tipo de sonho	N/A
Cap. 7: Você que lê este poema, traduza-o	N/A
Epílogo: Após Rumi	N/A
Bibliografia	N/A

Os poemas de Rumi desta obra foram selecionados e traduzidos do inglês (principalmente das versões de Edward Henry Whinfield e Reynold A. Nicholson) por Rafael Arrais. O tradutor procurou evitar incluir na obra poemas já publicados no Brasil em português.

Para conhecer sua obra completa, visite o seu blog:

textosparareflexao.blogspot.com

Design e diagramação: Ayon

Composto com Electra LH e Centaur

Copyright © 2013 por Rafael Arrais (amostra grátis)

Todos os direitos reservados

Introdução: O dançarino em transe

Já é noite, e a lua cheia da Pérsia estampa o tecido estelar, a refletir a luz que vem do outro lado do mundo. A sua volta, todos os discípulos estão tão taciturnos e quietos que, acaso fossem lamparinas vivas, poderiam ser confundidos com estrelas tristes.

Ao centro há um velho poeta dançarino. Ele encontrou e perdeu um grande amigo, ao mesmo tempo seu mestre e seu discípulo, pois que um completava ao outro como o sol e a lua... Mas isto foi há muitos anos, agora tudo o que ele faz é dançar. A tristeza incomensurável da perda em sua alma foi suplantada por chama ainda maior: um fogo que nunca se apaga.

Eis como se lamentava o seu filho ante sua aparente ausência:

*Noite e dia, em êxtase ele dançava,
na terra girava como giram os céus.
Rumo às estrelas lançava seus gritos
e não havia quem não os escutasse.
Aos músicos provia ouro e prata,
e tudo o mais de seu entregava.
Nem por um instante ficava sem música e sem transe,
nem por um momento descansava.
Houve protestos, no mundo inteiro ressoava o tumulto.
A todos surpreendia que o grande sacerdote do Islã,
tornado senhor dos dois universos,
vivesse agora delirando como um louco,
dentro e fora de casa.
Por sua causa, da religião e da fé o povo se afastara;
e ele, enlouquecido de amor.
Os que antes recitavam a palavra de Deus
agora cantavam versos e partiam com os músicos.*

[1 – ver notas ao final de cada capítulo]

Mas esta lamentação não inibiu seu espanto ante as palavras que o velho poeta parecia conseguir roubar do céu. Este silêncio todo é tão somente isto: o silêncio que antecede a chegada da poesia...

Ele faz um breve gesto, o sinal está dado. Os músicos começam a assoprar da alma para fora as melodias mais belas de todo o mundo árabe, e os escribas ficam a postos.

O poeta começa a dançar. Pé ante pé, suas passadas fazem com que gire agilmente em torno do próprio eixo, apesar da idade já avançada. Porém, assim como a Terra não gira no mesmo lugar, o poeta também circula uma estrela imaginária, um sol invisível a pairar no reino da imaginação [2]. É de sua luz que começam a chegar às palavras cantadas. Cada pequeno trecho é anotado:

*Se você não me achar em você, nunca me achará.
Pois, tenho estado contigo, desde o início de mim.*

Não há tempo a perder. É preciso aproveitar cada minuto do transe extático daquele que fora um grande sacerdote, mas que ao fim da vida havia se tornado algo ainda maior e mais profundo: um poeta que sabe como dialogar com Deus.

*Lá onde nasce o verdadeiro amor
morre o “eu”, esse tenebroso déspota.
Você o deixa expirar no negro da noite
e livre respira à luz da manhã.*

“Como pode, tão velho, após haver sofrido tanto de amor e de saudades, ainda conseguir trazer tanta água da fonte?” – pensam os escribas enquanto anotam, e anotam, e anotam... Foram milhares e milhares de poemas:

*Está com ciúmes da generosidade do oceano?
Porque se recusaria a doar
esta alegria aos outros?*

*Os peixes não guardam o líquido sagrado em canecas!
Eles nadam nesta imensidão de liberdade fluída.*

Ainda é noite, e o primeiro e maior dos dervixes rodopiantes, o dançarino em transe, continua a girar em torno de todo o Cosmos que, afinal, também está dentro dele mesmo.

Ele veio ao mundo para nos revelar a luz que vem do sol, pois que foi um dos poucos que a observou diretamente e não cegou – apenas amou, *enlouquecidamente*, e cada dia mais, até que seu espírito foi reclamado pelos que já estavam muito saudosos no outro mundo.

Isto foi há aproximadamente 8 séculos. O seu nome era Jalal ud-Din Rumi.

“O poeta mais popular da América”

Jalal ud-Din Rumi foi um poeta, jurista e teólogo sufi persa do século XIII. Seu nome significa literalmente “Revelador da Religião”: Jalal significa “revelador” e Din significa “religião”. Rumi é, também, um nome descritivo cujo significado é “o romano”, pois ele viveu grande parte da sua vida na Anatólia (atual Turquia), que era parte do Império Bizantino dois séculos antes.

Ele nasceu em 30 de setembro de 1207, na então província persa de Balkh (atual Tadjiquistão). A região estava, nessa época, sob a esfera de influência da região de Khorasan, e era parte do Império Khwarezmio. Temendo a invasão mongol, seu pai, teólogo e mestre sufi, deixou a região em 1219 e dirigiu-se a Meca, em peregrinação. A família acabou fixando-se em Konya. Ali viveu a maior parte de sua vida sob o Sultanato de Rum, no que é hoje a Turquia. Lá também produziu a maior parte de seus trabalhos. Morreu em 1273, tendo sido enterrado na própria Konya. Seu túmulo tornou-se um lugar de peregrinação.

Embora os trabalhos de Rumi houvessem sido escritos em persa, a importância de Rumi transcendeu fronteiras étnicas e nacionais. Seus trabalhos originais são extensamente lidos em sua língua original em toda a região de fala persa. Traduções de seus trabalhos são bastante populares no sul da Ásia, em turco, árabe e nos países ocidentais. Sua poesia também tem influenciado a literatura persa bem como a literatura em urdu, bengali, árabe e turco. Seus poemas foram extensivamente traduzidos em várias das línguas do mundo e transpostos em vários formatos. Em 2007, Charles Haviland o descreveu como “o poeta mais popular da América” em artigo publicado no site da BBC [3].

Tudo bem, o jornalista pode ter exagerado *um pouco*, mas na América do Sul não temos ideia da difusão dos poemas místicos de Rumi na América do Norte, e particularmente nos EUA. Um dos primeiros tradutores de Rumi para o inglês foi Edward Henry Whinfield, um britânico especialista em literatura persa que registrou suas primeiras traduções do poeta ainda em 1887. De lá para cá se seguiram inúmeras outras traduções, nos mais variados estilos. Atualmente Rumi é um verdadeiro best-seller nos EUA (ao menos na categoria de poesia).

No entanto, a poesia original persa de Rumi é rimada e segue uma métrica [4], ao passo que muitas das traduções inglesas utilizam verso livre. Algumas vezes chegam mesmo a usar metáforas e linhas de diferentes poemas numa mesma “tradução”. Isso levou a algumas críticas ao trabalho de alguns dos tradutores.

Eu, ademais, tenho ainda menos experiência com o mundo de Rumi; e exatamente por isso o livro da Attar Editorial, “Poemas Místicos”, selecionados e traduzidos por José Jorge de Carvalho, foi um farol essencial para a minha navegação em sua poesia. Trata-se de uma das pouquíssimas traduções de Rumi para o português atualmente publicada no Brasil. Em respeito a esta primazia, eu procurei traduzir do inglês principalmente os poemas que não constam neste livro [5].

Mesmo assim, *é muito pouco*... Numa pesquisa na Amazon.com por “Rumi”, encontramos mais de 5 mil resultados. E aqui no Brasil, das edições não esgotadas em português, há praticamente apenas este livro da Attar Editorial. Estou entrando nesta dança também para fazer justiça a este poeta tão magnífico, e tão pouco traduzido para o português.

Vai e dança!

Você pode estar se perguntando o que diabos eu conheço do Islã, ou do sufismo, para estar me metendo com Rumi. *É uma excelente pergunta*... Eu conheço, realmente, muito pouco. Mas este livro é também uma tentativa pessoal de adentrar neste universo místico, onde o poeta e o leitor por vezes se confundem e se refletem como espelhos um do outro, e onde a linguagem mágica de Rumi por vezes nos faz mergulhar em Deus.

É tudo muito rápido: algumas frases bem postas, e estamos já em pleno mergulho. Posso dizer isto, pois conheci Rumi primeiramente nas redes sociais da internet [6], onde há pouco espaço para grandes blocos de texto, e onde um assunto precisa nos fisgar desde o início, pois estamos navegando em meio a um mar de informações irrelevantes.

A poesia de Rumi tem funcionado dessa forma: nos fisgado de um mar revolto, e nos arremessado num oceano da mais profunda paz... Ou, por vezes, noutra mar ainda mais revolto, mas revolto de amor, e não de irrelevância.

Poderia falar ainda muito mais sobre o velho poeta dançarino nesta introdução (de seus amores perdidos e reencontrados, de sua filosofia metafísica, de suas menções a uma evolução que se dá do reino mineral para o angelical, etc.), mas prefiro guardar tais revelações para os comentários ao longo do livro. Se você nunca ouviu falar de Rumi, não se assuste, nem se afaste. Seja, como eu, fisgado por esta dança... Para apreciar a poesia de Jalal ud-Din, não é preciso ser um

sufi, nem um islâmico, nem mesmo alguém religioso. De fato, não é necessário nem que se creia em Deus. É preciso apenas que creia no amor, e que esteja disposto a aprender a dançar...

*O que está esperando?
Vai e dança!*

Mas dança em silêncio...

Notas da introdução

[1] Texto de Sultan Walad, filho dileto, biógrafo e sucessor de Rumi. Walad foi o primeiro intérprete e exegeta de sua obra, e também o fundador da ordem sufi Mevlevi, conhecida como a ordem dos dervixes girantes, ou dançantes. O trecho citado foi transcrito da introdução de “Poemas Místicos” (Attar Editorial), com a seleção e tradução de José Jorge de Carvalho.

[2] Rumi criou a dança cósmica, o sama, praticada pela ordem sufi Mevlevi (ver nota 1). Sergio Rizek, editor da Attar, explica que essa dança se inspira no movimento dos astros: “Assim como todos os corpos giram por amor ao sol, os dervixes também giram por amor ao divino, que muitas vezes precisa de uma contrapartida humana, pois no Islã o amor humano é símbolo e reflexo do amor divino” (citação retirada do artigo de Débora F. Lerrer, “Quando o homem se confunde com Deus”).

[3] “The roar of Rumi – 800 years on”:
news.bbc.co.uk/2/hi/south_asia/7016090.stm

[4] Gostaria de citar mais um trecho da introdução de “Poemas Místicos” (Attar Editorial), por José Jorge de Carvalho:

É importante que o leitor faça uma ideia do que é um gazal de Rumi para avaliar o que perde ao ler [uma tradução ocidental], ao

tempo de poder valorizar, esperamos, o quanto ainda pode receber de significação e fruição poética.

O *gazel* é um dos principais gêneros de poesia persa. [...] É uma forma poética associada ao canto que continua extremamente viva no Oriente, sobretudo na sua forma semiclássica, escrita em urdu, ainda hoje corrente na Índia e no Paquistão. [...] Como os de hoje, todos os *gazéis* compostos por Rumi podem ser perfeitamente cantados.

Em qualquer tradução de um *gazel* persa para uma língua ocidental, sacrifica-se muito esteticamente: a sonoridade, o ritmo do verso, as várias formas de rima, as aliterações, os jogos de palavras. E, no caso exclusivo de Rumi, perde-se ainda um outro efeito estético e linguístico particular e idiossincrático que consiste em introduzir, em inúmeros *gazéis*, palavras e expressões em grego, turco e árabe.

[5] O “*Masnavi*”, uma das obras monumentais de Rumi (com mais de 50 mil linhas de poesia e prosa), foi traduzido na íntegra para o inglês por Reynold A. Nicholson entre 1925 e 1940. Surpreendentemente, esta obra também foi traduzida para o português, por Mônica Udler Comberg e Ana Maria Sarda, e publicada pelas Edições Dervish em 1992. Apesar de se tratar hoje de um livro raro (de edições já esgotadas, só é achado em sebos), é possível que eu venha a traduzir do inglês alguns trechos que já se encontram traduzidos neste livro.

[6] Em meados de Setembro de 2013, a principal página de Rumi no Facebook contava com quase um milhão de seguidores:

[facebook.com/mevlana](https://www.facebook.com/mevlana)

Havia ainda algumas outras com entre 30 e 350 mil seguidores. *Todas em inglês.*



Diga
eu
sou
você

I. Diga eu sou você

[A grama]

O mesmo vento que arranca os troncos
faz a grama brilhar.

O vento senhoril ama a fraqueza
e a humildade da grama.
Jamais se vangloria de ser forte.

O machado não se preocupa com a grossura dos galhos.
Ele os corta em pedaços. Mas não as folhas.
Ele deixa as folhas em paz.

Uma flama não considera o tamanho da pilha de lenha.
Um açougueiro não corre de um rebanho de ovelhas.

O que é a forma na presença da realidade?
Muito pobre. A realidade mantém o céu revirado
como um cálice acima de nós, girando. Quem rodou
a roda do céu? A inteligência universal.

E o movimento do corpo
vêm do espírito, como uma roda d'água
construída num riacho.

A inalação e a exalação vêm do espírito,
agora raivoso, agora em paz.
O vento destrói, e protege.

Não há realidade que não Deus,
diz o xeique completamente entregue,
que é um oceano para todos os seres.

Os níveis da criação são como pequenas ondulações neste oceano.
Seu movimento provém de uma agitação na água.
Quando o oceano deseja acalmar as ondulações,
ele as envia para perto da costa.
Quando ele as quer de volta, junto as grandes ondas do mar
profundo,
faz com elas o mesmo que faz com a grama.

Isso nunca acaba.

Comentário

Os estoicos comparavam nossa vida a vida de um cão atrelado por uma coleira a uma carroça que, a qualquer instante, pode se colocar em movimento.

O comprimento da correia é tal que nos permite certa liberdade de movimento, porém, não nos permite ir aonde bem quisermos...

A carroça hoje está parada, de modo que podemos vaguar um tanto por aqui e acolá. Mas é preciso estar atento e preparado: se ela seguir viagem, se quiser nos levar a outro reino, de nada adiantará lutar contra a coleira – o máximo que conseguiremos é sermos arrastados pela estrada, à força!

Sêneca [1] explicava que “ao lutar contra o laço, o cão o aperta mais... Qualquer cabresto apertado irá machucar menos o animal se ele se mover *com* ele do que se lutar *contra* ele. Somente a capaci-

dade de resistência e a submissão à necessidade proporcionam o alívio para o que é esmagador”.

Nesta realidade de formas impermanentes, o cão que se adéqua ao cumprimento da própria correia, e se preocupa em passear somente onde lhe é possível passear, é tão humilde quanto uma folha de grama.

A grama, constantemente açoitada pelo vento, mas que não obstante, tem sempre perdurado, junto a suas irmãs, por todas as planícies do mundo...

Que importa se o vento é ameaçador? Enquanto houver um tanto de terra fértil no reino, o sol estará resplandecendo a toda nova manhã, e alimentando a grama, que lhe retribuí com o verde.

Toda manhã traz um novo alento e um novo espírito. Deixemos que a carroça nos conduza seguindo pelos velhos sulcos da terra.

Que importa se o vento é ameaçador? É o vento quem anuncia a chuva que virá... E enquanto houver chuva, haverá planícies verdejantes, haverá este inefável perfume de grama, haverá vida, haverá eternidade!

[Aonde leva esta dança]

Vem, vem, seja você quem for,
não importa se você é um infiel, um idólatra,
ou um adorador do fogo;
Vem, nossa irmandade não é um lugar de desespero;
Vem, mesmo tendo violado seu juramento cem vezes,
vem assim mesmo.

Vem,
lhe direi em segredo
aonde leva esta dança.

Vê como as partículas do ar
e os grãos de areia do deserto
giram desnorteados.

Cada átomo,
feliz ou miserável,
gira apaixonado
em torno do sol.

Ninguém fala para si mesmo em voz alta.
Já que todos somos um,
falemos deste outro modo.

Os pés e as mãos conhecem o desejo da alma.
Fechemos então a boca e conversemos através da alma.
Só a alma conhece o destino de tudo, passo a passo.

Vem, se lhe interessa, posso mostrar.

Comentário

Muitas doutrinas religiosas falam num deus vingativo que punirá nossos pecados, mas na etimologia da palavra “pecado”, na essência de seu significado original, temos uma ideia de errar o alvo, ou de estar ainda aquém do ideal.

Ao contrário dessas lendas de julgamento divino sumário, seguindo este conceito de pecado podemos imaginar que quem erra o alvo, tem ainda a oportunidade de tentar novamente, até que um dia acerte, e dê mais um passo nesta dança.

Há sempre tempo de recomeçar: o problema não é ter errado o alvo, mas continuar errando, conscientemente, e *fingir* que não sabemos disso. Não à toa, essas mesmas lendas nos dizem que podemos nos redimir de pecados realizando oferendas ou recitando orações por horas a fio. Mas, de que isso adiantaria? Para acertar, talvez seja preciso errar algumas vezes. Continuar errando, e acreditando que o erro se remenda com oferendas e orações, é uma receita para a estagnação. E a Natureza não suporta a estagnação: tudo precisa caminhar à frente, sempre!

Dessa forma, aquele que tem progredido nesta dança, onde quer que esteja estará edificando um céu em sua própria consciência, em sua própria alma. Ao passo que aquele que insiste em continuar estagnado, e insiste em ignorar aos alertas da própria alma, fingindo nada sentir, ergue um tenebroso inferno dentro de si mesmo, e o carrega consigo aonde quer que vá. Eis como se torna muito mais simples compreender ao céu e ao inferno: não como locais lendários, mas como estados da alma.

Ninguém dança parado no lugar.

Mas, quem aceita o convite de Rumi, realiza *a dança da alma*: feliz ou miserável, já dança ao redor do céu.

Para entrar, enfim, basta se apaixonar – em plena dança...

Eu não acredito num deus que não saiba dançar. Eu não acredito numa irmandade que não esteja já a dançar, junto ao Amado.

[Nem corpo nem alma]

O que eu posso fazer, ó muçulmanos?
Eu não me conheço mais.

Não sou cristão ou judeu. Nem um islâmico, nem um mago.
Não venho nem do Oriente nem do Ocidente. Nem do continente,
nem do mar.
Tampouco do Manancial da Natureza, ou dos céus circundantes.
Nem da terra, nem da água, nem do ar, nem do fogo.

Não venho do trono, nem do solo. Nem da existência, nem do ser.
Nem da Índia, nem da China, Bulgária ou Saqseen;
Nem do reino do Iraque ou de Khorasan;
Nem deste mundo nem do próximo: nem céu nem inferno.
Nem de Adão nem de Eva. Nem dos jardins do Paraíso nem do
Éden.

Meu lugar é sem lugar, minhas pegadas não deixam rastros.
Nem corpo nem alma: tudo que há é a vida do meu Amado.

Eu afastei toda dualidade: eu vi dois mundos como um.
Eu desejo Um, eu conheço Um, eu vejo Um, eu clamo: “Um”.

Comentário

Minha religião é meu pensamento.

Pois a religião não é uma doutrina de regras fossilizadas, mas um caminho eterno, uma via que se inicia estreita, mas cujo final se perde na névoa que o próprio infinito interpõe ao horizonte.

Que não se busque a religião como quem busca um reino específico: o reino dos céus, o cume da montanha de todos os sábios, a sombra da árvore de onde se pode alcançar um nirvana...

Pois se tudo que fazemos neste mundo é reflexo daquilo que somos, do que pensamos, do que sentimos, do que intuímos, é somente através do pensamento, da música tocada pelas mãos etéreas, que efetivamente caminhamos à frente, desejosos de um dia dançar junto ao Um [2].

Meu templo é meu coração.

Pois o reino não foi edificado para que fosse circundado por colunas e paredes, e os escolhidos não foram apenas alguns poucos agraciados, mas todos os seres do infinito.

Que ninguém poderia ser feliz num jardim de ociosidade enquanto outros de seus irmãos ardem nos lagos de enxofre. Que o reino não é feito de fronteiras delimitadas, e todos os templos precisam ser erigidos em nossas próprias almas...

Pois se o reino está em toda parte, debaixo de pedras e dentre galhos partidos, os convites para o Seu banquete foram enviados a todos nós: os filhos do Um. E só poderemos entrar no reino de mãos dadas.

Eis o Um: nosso amor.

Conforme consta em todas as leis naturais, desde o núcleo do átomo até os agrupamentos de galáxias mais distantes: tudo esta conectado, tudo está em harmonia, tudo flui, tudo vibra, tudo se atrai mutuamente pela gravidade divina, enquanto de alguma singularidade de amor Ele continua a nos abraçar em meio a este turbilhão sem fim.

Tudo se iniciou em um pensamento de amor, e todo o amor do mundo jaz neste momento aos Seus pés: o amor de todos os dias dos homens, e dos seres de outrora, e dos seres do porvir.

E todos os cânticos sagrados, e todas as orações, e todas as bênçãos e maldições, e todos os erros e acertos, e todos os códigos sagrados, e toda poesia; e mesmo ainda esta nossa dança, entrelaçada...

Isso nunca acaba.

[A grande carruagem]

Quando vejo sua face, as pedras começam a girar!
Você aparece; todo o estudo vagueia.
Eu perco meu lugar.
A água se torna perolada.
O fogo aplaina e não mais destrói.

Em sua presença não desejo o que achei
que desejava, essas três lamparinas suspensas.

Dentro de sua face os manuscritos antigos
mais parecem espelhos enferrujados.

Você respira; surgem novas formas,
e a música de um desejo mais conhecido
que a Primavera começa seu ritmo
como uma grande carruagem.

Conduza-a devagar.
Alguns de nós caminhando ao seu lado
são mancos!

Hoje, como qualquer outro dia, nós acordamos desocupados
e aflitos. Não abra a porta para o estudo.
Guarde seu instrumento musical.

Deixe a beleza que amamos ser o que criamos.
Existem centenas de maneiras de se ajoelhar e beijar o chão.

Além das ideias de certo e errado,
há um campo. Eu lhe encontrarei lá.

Quando a alma se deita naquela grama,
o mundo está preenchido demais para que falemos dele.
Ideias, linguagem, e mesmo a frase “cada um”
não fazem mais nenhum sentido.

A brisa matinal têm segredos a lhe contar.
Não volte a dormir.
Você precisa perguntar por aquilo que realmente deseja.
Não volte a dormir.
As pessoas estão indo e vindo através da soleira onde os dois mundos
se tocam.
A porta é arredondada e está aberta.
Não volte a dormir.

Luz matinal, cheia de pequenas partículas a dançar,
e o grandioso a girar, nossas almas
dançam contigo, sem pés, elas dançam.
Você pode vê-las quando eu sussurro em seus ouvidos?

Eles tentam dizer o que você é, espiritual ou sexual?
Eles especulam sobre Salomão e todas as suas esposas.

No corpo do mundo, dizem, há uma alma,
é isto o que você é.

Porém nós temos caminhos entre nós
que nunca serão mencionados por ninguém.

Venha para o pomar na Primavera.
Há luz e vinho, e namorados
entre as flores de romã.

Se você não vir, estes não farão diferença.
Se você vir, estes não farão diferença.

Comentário

O que é uma alma? O que é a vida? O que é a gravidade?

Diz-nos o acadêmico: “A primeira sequer existe; a segunda é ainda um mistério para nós; e quanto à terceira, sabemos perfeitamente do que se trata – uma das forças fundamentais da natureza, a atração que objetos com massa exercem uns sobre os outros”.

Mas mesmo isto, que por séculos foi tido como “verdade científica”, quem o disse foi Sir Isaac Newton. Já Albert Einstein, que não era “sir”, mas se preocupava com bondes em movimento, relógios e observadores, acabou chegando a uma nova “verdade”: “A gravidade” – disse o alemão de cabelos ao vento – “não é bem uma força, mas a própria curvatura do tecido do espaço-tempo!”.

E como se explica o que é o tecido do espaço-tempo? “Ah, basta ler aqui e ali”, diz-nos o acadêmico. E como se explica a vida? “Já lhe disse, isto ainda estamos estudando...”.

Já Empédocles [3] acreditava que o Cosmos era regido por duas forças primordiais: o Amor unia a tudo, e o Ódio afastava. Diz-nos o acadêmico: “Besteira! O amor nunca foi comprovado cientificamente. Além do mais, o amor não pode ser o mesmo que a gravidade”.

Mas, e quem disse que o “amor” de Empédocles era o mesmo que hoje chamamos “gravidade”? Mais de dois mil anos nos separam, não temos como saber o que *exatamente* ele quis dizer quando usou a palavra “amor”.

E, de fato, é até estranho de se pensar: ninguém sabe *exatamente* como o outro ama, ou como exatamente percebe a “vermelhidão” do vermelho de uma rosa vermelha. Ainda que seja a rosa trazida por seu amado, em meio ao pomar na Primavera.

“Amor”, “ódio”, “gravidade”, “Deus”, “ciência”, “alma”, “sufismo”: tudo isso são apenas palavras, cascas de sentimento... E a carruagem da poesia anda um pouco mais a frente (não que ande mais depressa, apenas mais a frente), ainda antes do sentimento subjetivo haver se revestido de linguagem.

Nós que vivemos num mundo de linguagem, somos como mancos tentando alcançá-la, seguindo o rastro de suas rodas pela estrada... E para nós não há muletas, há apenas este desejo ancestral de se aprender a caminhar, a dançar, a voar... Um passo de cada vez.

“Voar?” – diz-nos o acadêmico. Porque não? *Nada disso precisa fazer sentido.*

[Cada nota]

O conselho não ajuda aos amantes!
Eles não são do tipo de corrente d'água da montanha
que você possa represar.

Um intelectual não compreende
o que um embriagado está sentindo!

Não tente adivinhar
o que aqueles perdidos dentro do amor
farão a seguir!

Alguém no comando abdicaria de todo o seu poder,
se ele apanhasse uma lufada de almíscar do vinho
aberto no quarto onde os amantes
estão fazendo sabe lá o que!

Um deles tenta cavar um túnel através da montanha.
Outro foge das honrarias acadêmicas.
Enquanto outro ri do bigode dos famosos!

A vida congela se não abocanha um pedaço
deste bolo de amêndoa.

As estrelas vêm girando a cada noite,
aturdidas no amor.
Do contrário estariam hoje cansadas
de todo este rodopio.
E diriam, “Até quando teremos de *fazer* isso!”

Deus pega a flauta de cana do mundo e sopra.
Cada nota é uma carência passando através de um de nós,
uma paixão, a dor de uma saudade.

Lembre dos lábios
onde o sopro se originou,
e deixe sua nota soar livre.
Não tente interrompê-la.
Seja a sua nota.
Eu lhe mostrarei como isto já basta.

Suba no telhado ao anoitecer
nesta cidade da alma.

Deixe que *todos* subam em seus telhados
e cantem suas notas!

Cantem alto!

Comentário

Toda a criança que chega da Mansão do Amanhã é uma cantora em potencial... Se não sabe cantar, toca algum instrumento; Se não sabe tocar, dança; Se não sabe dançar, brinca!

Toda criança nasce sabendo brincar. Porém, existe algum tempo obscuro na vida onde esquecemos esta criança momentaneamente – para nos tornarmos “sérios”.

E a maioria de nós, de tanto deixar a criança interior brincando sozinha no *playground* da alma, mais dia menos dia acaba se esquecendo totalmente de que ela existe. E isto é triste, porque ela realmente existe!

Todo o estudo acadêmico, as regras de bom comportamento, os números que sobem e descem numa tela de computador apontada para seu banco virtual, que é tudo isso perto da cantoria da infância?

“Ainda estou aqui. Ainda quero brincar... Venha, suba no telhado, como fazíamos antes... Cantemos a noite. Cantemos para as estrelas, e elas também virão brincar conosco no próximo sonho...”.



Além das ideias
de certo e errado
há um campo...

Eu lھے encontrarei lá

